

*atlas*  
*de* **RELACÕES**  
**INTERNACIONAIS**

N.º 29

**HUNGRIA: A TERRA DOS MAGIARES**

THEREZINHA DE CASTRO

1 — Aspectos geoeconômicos. 2 — Formação Histórica.

**SRI-LANKA OU CEILÃO**

DELGADO DE CARVALHO

1 — Feições Físicas. 2 — Etnias e Religiões. 3 — Os Domínios Sucessivos. 4 — Evolução Econômica. 5 — O Plano Colombo. 6 — Evolução Política.

**LÍBANO: PAÍS ENTRE DOIS MUNDOS**

THEREZINHA DE CASTRO

1 — Formação do Estado. 2 — Aspecto Físico. 3 — Ocupação Humana. 4 — Situação Étnico-Política.

**UGANDA NA COMUNIDADE ORIENTAL AFRICANA**

DELGADO DE CARVALHO

1 — Aspectos Físicos. 2 — Populações. 3 — Condições Econômicas. 4 — Evolução Histórica.

# Hungria: a terra dos magiares

THEREZINHA DE CASTRO

Geógrafa do IBGE

## 1 — Aspectos Geoeconômicos

Com o seu *formato alongado*, situada no *centro da Europa*, com área de 93.011 km<sup>2</sup>, a *Hungria* é pouco menor que o Estado de Santa Catarina (95.985 km<sup>2</sup>). Limita-se com a Áustria, Tchecoslováquia, România, Iugoslávia e Rússia; este último país só passou a fazer fronteira com a Hungria quando a Tchecoslováquia perdeu a Rutênia, sua província do leste, depois da Segunda Guerra Mundial.

O país ocupa, de um modo geral, *uma planície*, que na época terciária se encontrava coberta pelas águas de um lago, em comunicação por meio de um canal com o Mar Mediterrâneo. A medida que esse lago ia se dessecando, a erosão arrastava dos Carpatos para o local *as aluviões*, formando assim a planície de inundação húngara, de *configuração quase oval*.

Essa planície encontra-se envolvida por *um semicírculo montanhoso* constituído pelos *Carpatos*, que na Hungria acusa como principais acidentes os *montes Bakony, Vertes, Matra, Bukk e Hegyalja*. Apresentando como altitude máxima os 1.000 metros, essa linha orográfica corta o país na direção nordeste; enquanto acúmulos residuais, *testemunhos do antigo lago Panônico*, que cobria toda a Hungria, destacam-se entre os montes Bakony — são eles o *Balaton e o Neusiedl*.

O lago Balaton, com 598 km<sup>2</sup>, é o maior da Europa Central, inclinando-se do sudoeste para nordeste, com forma alongada nos seus 75 km de comprimento por 13 e 14 de largura; sua profundidade máxima é de 11,5 metros e a média de 3 metros somente. Devido à pressão atmosférica, o Balaton apresenta marés idênticas às dos lagos suíços; suas águas são ligei-

ramente salinas e, em suas margens, estabeleceram-se vários balneários, entre os quais o de *Siokof*, que é o mais concorrido. Nesse lago são praticados todos os tipos de esporte, já que no inverno transforma-se em segura pista de patinação. No tómbolo da *ilha de Tihany*, que ameaça cortar o lago em duas partes, ergue-se o velho mosteiro do mesmo nome, como testemunho da vida conventual na Idade Média.

O lago Neusiedl, que em magiar, a língua húngara, denomina-se *Ferto*, pertence em parte à Áustria; em suas imediações ergue-se a cidade de *Oldenburgo*, a antiga "Scarabantia" dos romanos.

A zona montanhosa setentrional húngara, resíduo de antigas cadeias que uniam os Alpes aos Carpatos, apresentam *bosques* em suas encostas que ocupam 12% das terras do país. Essa região montanhosa é *rica em minérios*. Nos montes Bakony encontram-se as minas de manganês e bauxita, ao lado das fundições de alumínio. Nos montes Mecsek, ao sul, são explotados o carvão e a linhita, encontrando-se em *Dunaujavaros*, a 70 km ao sul de Budapest, o mais importante centro siderúrgico do país.

Os *vales* que cortam as vertentes dessa zona montanhosa são impressionantemente *paralelos*; os dois principais rios são o *Danúbio e o Tisza*.

Rio lindeiro, o Danúbio, ao entrar em território húngaro, faz uma curva banhando *Esztergon*; o rio tem aí cerca de 200 metros de largura e, congelando-se no inverno, dá ensejo a que se o atravessa a pé, ficando, pois, unidas a Áustria e Hungria.

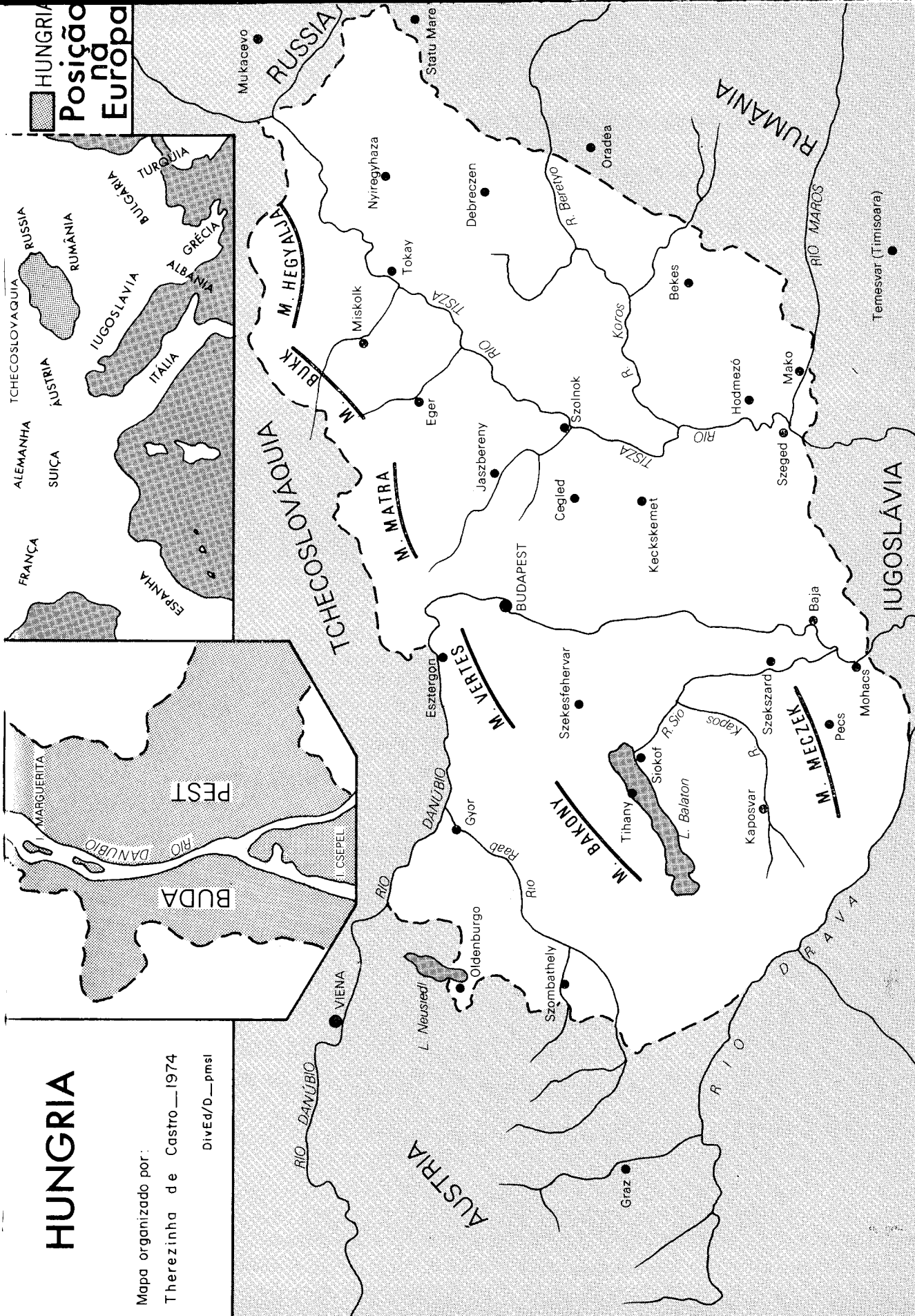
Atingindo *Budapest*, capital do país, o rio forma um labirinto de braços e ilhas. A de *Csepel* é a maior e a estrategicamente mais importante, e onde a tribo magiar Arapad costumava acampar com seus guerreiros. Ao atravessar Budapest, a largura máxima do Danúbio é de 1.000 metros, dividindo a cidade em duas: na margem direita, *Buda*, uma colina, antiga povoação celta, foi capital dos ávaros na Idade Média; do outro lado, na margem esquerda, *Pest*, em região plana, antiga cidadela dos hunos, reconstruída em 1244 por Belá I, onde, no século XIII foi levantado o Mátyás ou Igreja da Coroação, em estilo bizantino, utilizada pelos soberanos húngaros e mais tarde pelos austríacos também. Em Pest encontra-se o suntuoso Palácio Real, os ministérios e demais órgãos do atual governo. Em 1361, Buda foi proclamada capital, enquanto Pest começava a se transformar em centro comercial; para comunicá-las foram sendo construídas pontes, dentre as

# HUNGRIA

Mapa organizado por:

Therezinha de Castro — 1974

DivEd/D — pmsl



**HUNGRIA**  
**Posição**  
**na**  
**Europa**

quais a mais célebre é a de Lánchid, inaugurada em 1849. Em Pest e na ilha de Csepel desenvolvem-se hoje os quarteirões industriais da cidade. Ao norte, na *ilha Marguerita*, transformada em zona de passeios dominicais, encontra-se a área verde da cidade com extenso parque, restaurantes e centros desportivos.

No norte, o *Raab* é o mais importante afluente do Danúbio, banhando *Gyor*, importante mercado de cereais, entre Viena e Budapest; conhecida como “a cidade dos quatro rios”, pois na realidade, além do Danúbio e Raab, para lá convergem o Rabca e o Marçal. É também zona industrial, caracterizando-se por seus produtos alimentícios, têxteis e maquinarias. Sob o ponto de vista histórico, além da catedral construída no século XII e reconstruída no XVII, e do Palácio Episcopal, destaca-se aí a Abadia Beneditina de Pannonhalma (século XII) com valiosas relíquias medievais.

Ainda nessa bacia *Szombathely*, bem próxima da Áustria, é importante nó nas comunicações do país. Quase na mesma latitude, porém mais interiorizada no país e próxima de Budapest, ergue-se a cidade de *Szekesfehervar*, a antiga “Alba Regia”, e durante muito tempo local onde eram coroados os reis húngaros.

Na baixa Hungria, recebe o Danúbio as águas do *rio Sio*, tributário do lago Balaton e também as águas do *Kapos*; os principais centros urbanos locais são *Kaposvar*, *Szekszard*, *Baja*, *Pecs* e *Mohacs*.

*Kaposvar*, além de centro industrial e mercado de gado, goza de grande prestígio econômico por se encontrar no entroncamento das linhas férreas Budapest—Agram—Fiume. *Szekszard* e *Baja* são centros urbanos que comandam zonas agrícolas, comerciais e industriais. *Pecs*, além de centro industrial, é considerada uma das mais belas cidades da Hungria; por suas grutas talhadas nas colinas, por se encontrar nas imediações dos montes Meczek, por sua catedral românica do século XI, antigas mesquitas, moderna universidade, águas sulfurosas e tradicional manufatura de porcelana.

No braço ocidental do Danúbio, que aí se abre para formar a *ilha de Margitta*, situa-se *Mohacs*, centro de indústrias metalúrgicas e, historicamente, porta de entrada e saída dos turcos na Hungria; nessa cidade, Luís II foi vencido e morto pelas tropas do sultão Solimão, o Magnífico, em 1526 e, em 1687, Carlos V (Duque de Lorena) expulsou os turcos do país.

O território triangular da Hungria, limitado pelo Danúbio e *Drava*, se

constitui numa grande região natural. Abrange parte do *felföld* ou região montanhosa do norte, que intercala as planícies nas fronteiras com a Áustria e Tchecoslováquia, da mancha aquática formada pelo Balaton, para envolver os montes Meczek que se aproximam do ângulo formado pelo Drava e Danúbio que, por sua vez, se acham aí rodeados por terras planas.

É, no entanto, *entre o Danúbio e o Tisza*, que se encontra a parte vital da Hungria. Com exceção do *felföld* ao norte, essa região é toda constituída por uma planície, riquíssima por seu solo semelhante ao tchernozion; é esta a região do *alföld* (terra plana) que se estende também além do Tisza para formar a *puszta*, zona pecuarista por excelência. Enquanto a criação caracteriza as estepes ao leste do Tisza, entre esse rio e o Danúbio se estendem os campos agrícolas.

Nessas zonas destacam-se os povoados afastados, formados pelas *tányás*, habitações rústicas e exíguas, em geral unidas a estábulos; são casas caiadas de branco por fora, cujas paredes internas, seguindo a tradição, são decoradas a mão pelas mulheres. Parecem mesmo habitações provisórias, pois provêm da época em que os magiares tinham que fugir de um lado para o outro quando pressentiam a aproximação das hordas turcas.

As águas do Tisza, que inundavam vastas áreas dessa planície húngara, estão hoje controladas por barragens; seus lodaçais obstruídos por ervas aquáticas e aproveitados também para a plantação de *salgueiros*, fornecedores da matéria-prima para a *confecção da cestaria*. Esses cestos, cheios de mercadorias, são transportados à cabeça pelas camponesas, rumo aos mercados.

Toda a região mesopotâmica, entre o Danúbio e o Tisza, apresenta clima do tipo continental; no inverno os rios se congelam, enquanto no verão o calor intenso provoca miragens que se denominam *delibad*. O sol ardente permite a colheita da *páprika* e *pêssego*, principalmente, nos campos que circundam *Keckskemet*, em pleno *alföld* central.

Para o norte, nas encostas das montanhas, onde termina o *alföld* para começar o *felföld*, vicejam os *vinhedos*, de cujas uvas os húngaros fabricam o famoso *tokay*, bebida forte, de cor clara, conhecido como “o vinho dos reis e o rei dos vinhos”.

Na região que fica a oeste do Danúbio, o terreno poroso também permite a cultura da vinha. Enquanto na “mesopotâmia húngara” a região é irrigada pelo Tisza, no oeste, além do

Danúbio, são as águas desse rio as aproveitadas; formando em ambas as áreas os *campos dos cereais* (milho, trigo, cevada e centeio).

Embora condicionados a velhos e tradicionais sistemas, aos hábitos e costumes magiares, os húngaros vivem nos *estabelecimentos coletivos ou campos socializados*; as cooperativas agrícolas já atingem a cerca de 4.800, com mais de 1.300.000 membros.

As tradicionais *fontes de água quente* são inúmeras nas planícies húngaras e na região mesopotâmica, entre o Danúbio e o Tisza, destacam-se vários centros urbanos.

*Szeged*, na confluência dos rios Maros e Tisza é, na realidade, a capital do alföld, o mais importante núcleo da Hungria Meridional. No norte, *Eger*, nas margens do rio de nome igual, também afluente do Tisza, é cidade antiga, de ruas que sobem ladeiras circundadas por formosos vinhedos.

As estepes localizadas a leste do rio Tisza são, de um modo geral, denominadas *puszta*. Sob o ponto de vista geográfico essa planície começa ao leste, nos primeiros degraus dos montes da Transilvânia, no oeste na linha do Danúbio, sendo atravessada pelo Tisza em todo o seu comprimento, proveniente dos Carpatos que, por sua vez, limita a *puszta* ao norte. Assim, em território húngaro, a partir da margem direita do Danúbio até suas fronteiras com a Rússia e Rumânia, começam os 50.000 km<sup>2</sup> dessa planície monótona, com poucas chuvas mas compensada pelos canais de irrigação.

Embora hajam campos de agricultura, *predomina o pastoreio*, trabalho feito pelos *csikosoks*, que cavalgam com seus trajes típicos — saiote franzido que vai até os joelhos onde começam suas botas, as batas de mangas exageradamente largas e seu chapéu característico com a aba inteiramente voltada para cima; com suas longas trombetas e os cães *puli*, reúnem rapidamente as manadas ao entardecer. Criadores das mais variadas espécies (suíno, ovino e bovino), orgulham-se sobretudo dos seus *lippizanners*, cavalos brancos de pura raça. Em suas tapadas são encontrados os *tohuamegye* de grandes chifres e os *faisões* que fornecem saborosa carne. Os *gansos brancos*, que infestam os lagos que servem de reservatório d'água para as aldeias, são conduzidos pelo estalar de varinhas e assobios convencionais; são engordados e de seu fígado se produz o famoso "fois gras".

No verão, a *puszta* se transforma num manto verde de gramíneas onde predomina o *gênero stipa* que alimenta o gado, favorecido também pelo sal

dos lagos de natro; no inverno, a região se cobre de neve.

O húngaro é, de um modo geral, alegre e festeiro, e nestas ocasiões não dispensam a *czarda* que inspirou as rapsódias de Liszt; opondo-se a essa dança, uma outra de origem nobre, chamada *palota*.

Contrastando com os eslavos, seus vizinhos, e que na região se ligaram aos ortodoxos, 70% do povo húngaro é católico romano.

Quase na fronteira com a Rumânia, *Debreczen*, apesar de cidade fundamentalmente magiar, é denominada a "Roma Calvinista"; além de suas indústrias de páprica e salsichão, de peles e couro, é importante mercado de cavalos, se dedicando também à exploração de gás natural. Conta esse centro reformista da Hungria com moderna universidade, orgulhando-se de ter sido o local onde Kossut, a 19 de abril de 1849, proclamou a independência do país.

Bem ao norte, nas proximidades da fronteira com a Tchecoslováquia, *Miskolk* é centro comercial e industrial, por sua posição privilegiada no vale do Szinva; é procurada também por suas águas minerais. Finalmente, no extremo sul, *Mako*, às margens do Maro se destaca como centro agropecuarista.

Sob o ponto de vista geopolítico, a região central e plana ocupada pela Hungria, entre os Carpatos e Alpes, com o vale do Danúbio comunicando-a com o Mar Negro, apresenta grande importância na *linha de soldadura norte-sul do continente*. Essa posição transformou-a, assim, em *zona de fronteiras críticas*, para lá confluindo povos orientais e centrais, com o objetivo idêntico de dominar essa *zona de passagem danúbio-balcânica*.

## 2 — Formação Histórica

Acredita-se que no século III a. C., os territórios que formam hoje a Hungria eram ocupados pelos *getas*, pertencentes às *tribos citas*, quando foram invadidos pelos *celtas*. Vencidos os celtas pelos *dacos*, passariam esses a viver aí com os *sarmatas*, instalados no oeste. Não escaparia a região ao domínio romano, nem às incursões bárbaras, pois por aí passaram os *vândalos*, *alanos* e até os temíveis *hunos* (380-453).

Oriundos das estepes centrais asiáticas, os *eslavos*, também vivendo sob regime tribal, por invasões sucessivas, ocupariam a Europa Central através do Danúbio, atingindo a península balcânica. Encurralados entre

os países civilizados do Ocidente, os eslavos nunca tiveram a paz, sendo inicialmente submetidos pelos búlgaros e em seguida pelos ávaros. Assim, as comunidades eslavas eram destruídas e seus jovens trabalhadores aprisionados para serem vendidos como escravos; daí a adoção do termo eslavo como sinônimo de escravo, fixando-se em várias línguas européias: skave (alemão), slaaf (holandês), slave (inglês) e esclave (francês).

Os magiares se encontravam entre os vários povos que costumavam incursionar por essas terras centrais. Guerreiros temíveis, provenientes das estepes russas, por volta do século IX expulsaram os ávaros de perto do vale do Danúbio, aprofundando-se da fértil planície húngara. Os magiares ou *onogurs*, que significa povo das dez flechas, de cuja corruptela daria origem à palavra húngaro, eram, como guerreiros implacáveis, devastadores de cidades.

Como seus vizinhos bárbaros, começaram também a receber *missionários cristãos*; adotando a nova fé, acalmaram não só seus instintos guerreiros, tornando-se também sedentários. Suas tribos, até então vivendo sem coesão, independentes umas das outras, submetidas simbolicamente à liderança da família *Arpad*, vão se unificar no tempo do rei Geza (972-997).

O *cristianismo* seria a causa principal na formação da nação húngara, dando aos magiares maior coesão, quando Geza *Arpad*, em 973, converteu-se ao novo credo. Seu filho Estevão (997-1038) recebia no ano 1000 a coroa real do Papa Silvestre II, no dia de Natal; com esta garantia da Igreja estava consolidada a independência dos magiares e formado o *Estado Medieval Húngaro*.

Após o reinado de Belá III (1172-1196) o *regime feudal* começava a ser implantado no Estado húngaro. O declínio da monarquia e a conseqüente implantação do domínio nobre é marcado pela *Bula de Ouro* (1222), carta que limitava o poder real. Os territórios húngaros já sofriam então incursões de povos germânicos, croatas e judeus. Por sua vez, os tártaros, invadindo a Europa Oriental no século XIII, massacraram, entre outros povos, quase que a metade dos magiares, cuja *dinastia nacional se extinguiria* com André III (1290-1301).

Instituída na região a *monarquia eletiva*, sucedem-se na Hungria os reis estrangeiros (séculos XIV e XV). Um deles, o angevino Carlos Roberto, detentor das minas de ouro da Transilvânia, com produção anual de 1,5 toneladas, desenvolveria na Hungria a

*política fiscal*, fazendo-a compartilhar do comércio que se desenvolvia na Europa.

No momento em que na Europa Central começavam a se firmar as *consciências nacionais*, sucedem-se novas invasões. De um lado, o impulso para o oeste (Drang nach Osten) por parte dos *Cavaleiros Teutônicos*, ordem religiosa-militar que, havendo submetido a Prússia, pretendia germanizar toda a Europa Central. De outro lado, para impedir o expansionismo teutônico, o *Grão-Duque Jagielo* da Lituânia, fazendo frente àquela Ordem católica, tentava reunir sob sua égide os territórios da mesma Europa Central.

O conflito entre católicos e protestantes envolveria a Europa Central na *Guerra dos Trinta Anos*, deixando aquela região não somente devastada como enfraquecida e, sobretudo, ameaçada pelos turcos muçulmanos que se expandiam em nome da "*Guerra Santa*". Os Balcãs seriam invadidos pelos muçulmanos e o *Estado húngaro esfacelado*, não escapando em parte a essa dominação. Em 1526 os húngaros são derrotados pelos muçulmanos na *batalha de Mohacs*, morrendo seu rei Luís II (da Boêmia).

O Estado húngaro ficaria então dividido em três regiões distintas: a zona central sob o domínio muçulmano; a do leste (Transilvânia) com regentes locais que, embora protestantes, se uniam muitas vezes aos turcos contra os católicos; e a faixa ocidental — a denominada Hungria Real, dominada pelos Habsburgos católicos.

Seria este o início de uma *Hungria governada por Viena*, de uma Hungria dependente da Áustria, de uma Hungria que, só nos lares, podia manter a sua cultura magiar, pois o alemão passaria a ser a língua dominante. Em fins do século XVII a reconquista austríaca estava praticamente vitoriosa na região, e toda a Hungria, com exceção de Temesvár, havia sido cedida aos Habsburgos pelo *Tratado de Karlowitz* (1699).

A *Dieta de Presburgo* (1687) já havia declarado a Coroa de Santo Estevão da Hungria hereditária para os Habsburgos, tendo início a repressão contra movimentos isolados de opositores. A *centralização sob o domínio dos Habsburgos* atinge sua plenitude no governo da Imperatriz Maria Teresa (1740-1780) e o reforço da *germanização* no reinado de seu filho José II (1780-1790).

Com as *idéias liberais* que se alastravam pela Europa a partir do século XIX, os *movimentos de caráter nacionalista* se tornam mais efetivos na Hungria, onde eram notórios o atraso

econômico e social. De início, os húngaros passaram a fazer a *resistência passiva em favor de igualdades para a Hungria*; em 1843 conseguiram que o *magiar voltasse a ser a língua oficial do país*. Por sua vez, Metternick, o Chanceler austriaco, fazia prevalecer o *princípio da intervenção*, para reprimir tais movimentos, não só em territórios da Áustria como no de outros países, onde agitações se fizessem sentir. Mesmo assim, *Kossut*, em 1849, sabendo do afrouxamento do absolutismo na Áustria, nada conseguira em sua tentativa efêmera para uma independência da Hungria.

Do outro lado, a Prússia, tendo à frente Bismarck, tecia planos para afastar a Áustria da Confederação Germânica, a fim de realizar a unificação da Alemanha em seu proveito. A Guerra Austro-Prussiana terminou com a derrota da Áustria na batalha de Sadowa (1866), e a consequente dissolução da Confederação Germânica, constituindo-se no primeiro passo para a unificação política da Alemanha. Valendo-se da derrota, a Hungria conseguia pelo *Acordo Austro-Húngaro de 1867*, graças à influência do patriota *Andrassy*, o estabelecimento da monarquia dualista. O *dualismo austro-húngaro* reconhecia a independência de ambos os países em vários setores, exceto no da diplomacia, finanças e exército que seriam comuns; a Hungria podia ter um exército, porém reduzido. O dualismo assegurava ainda aos húngaros a supremacia em sua pátria.

Atendidas em parte, as reivindicações dos magiães não findariam, já que as aspirações nacionalistas continuaram a agitar a política austro-húngara. No exterior, *Kossut* transformara-se no chefe dos emigrados húngaros que lutavam pela separação completa da Hungria que só viria em 1918.

A 31 de outubro de 1918, ante a derrota da Áustria na Primeira Guerra Mundial, *tinha fim o dualismo austro-húngaro*; e a 16 de novembro era proclamada a república. República instável, com problemas econômicos a resolver, tendo em vista *as amputações territoriais que havia sofrido a Hungria*, que não foram sobrepujados pelo *Conde Mihály Károlyi*, então presidente provisório.

Assim, se o dualismo austro-húngaro havia sido uma atenuante exigida pela Prússia, a *separação definitiva fora obra do comunismo instalado na Rússia*. Por isso, poucos meses após a proclamação da república, as ondas de terrorismo vermelho faziam com que se instalasse no poder *Belá-Kun*, partici-

pante ativo da revolução comunista de outubro na Rússia.

Não escaparia a Hungria, à semelhança da Rússia, às ondas de terrorismo entre “brancos” (não comunistas) e “vermelhos” (comunistas). Assim, na Hungria, *Belá-Kun* seria derrotado em novembro de 1919, subindo ao poder o *Almirante Miklós Horthy*, cujo governo, embora atribulado, duraria um quarto de século.

O *Tratado de Trianon* (junho de 1920) confirmava a independência da Hungria, mas retirava-lhe 2/3 de seus territórios; parte considerável da população húngara (cerca de 3.000 pessoas) era incorporada a países estrangeiros. Para recuperar o que fora da Hungria, *Horthy aliou-se aos regimes totalitários de Mussoline e Hitler*. A Hungria passa a ter a influência da extrema direita, aderindo ao anti-semitismo com as cruzes flechadas de Szálasi. Como recompensa ia a Hungria, por interferência da Alemanha e Itália, adquirindo grande parte de seu território. Durante a Segunda Guerra Mundial, as tropas húngaras participaram do contingente alemão que invadiu a Rússia (1941). Em 1944, porém, a Hungria era ocupada pelo exército de Hitler, e os alemães suspeitando de *Horthy* substituem-no por *Szálasi*, que impõe ao seu país o regime de terror. Aproveitando o sentimento antinazista, os russos, de seu lado, empreendem o seu progressivo avanço; *Miklós*, chefe do 2.º Exército húngaro, passa-se para o lado dos russos, tornando-se chefe do governo provisório do país em Debreczen, a 21 de dezembro de 1944.

Com a derrota total do Eixo em 1945, a Hungria iria passar aos poucos a *depender da Rússia, integrando a “Cortina de Ferro”*. Pelo acordo econômico firmado em novembro de 1945, o país passava para o regime socialista. Constituía-se a frente nacional húngara de independência dominada pelo *Partido dos Minifundiários* que se sai vitorioso nas eleições de novembro de 1945. Em fevereiro de 1946 proclamava-se a república, enquanto *Terenc Nagy*, líder dos minifundiários, assumia o cargo de Primeiro Ministro. Acusado porém de querer restaurar o Almirante *Horthy* e levar a Hungria para o âmbito ocidental, *Nagy* foi deposto em agosto de 1947.

É feita então metódica depuração, preparando o país para a chegada dos comunistas ao poder. Constituía-se o *Partido dos Trabalhadores Húngaros* (julho de 1948); nacionalizavam-se empresas com mais de 100 empregados, e os bens do clero. O *Cardeal Mindszenty*, por oferecer resistência era pro-

cessado e condenado a trabalhos forçados. Conseguia-se finalmente acabar com os chamados "partidos burgueses" e as eleições eram realizadas em maio de 1949 com chapa única. Assim, em 20 de agosto do mesmo ano era proclamada a *República Popular da Hungria*, ou seja, a *Magyar Néppöztársaság*.

Para por um fim aos denominados totalitaristas, ocidentalistas e titoístas foi criada a AVH, polícia repressiva, contra a qual, em 1956, os húngaros se rebelavam. O *movimento nacionalista insurrecional* (outubro-novembro de 1956) foi porém prontamente vencido, com a *invasão do país pelas tropas russas*.

A rigidez da implantação da coletivização imposta pelo *Plano de Reconstrução* (1947-49) e logo após o *1.º Plano Quinquenal* (1950-54) provoca-

ram o desequilíbrio econômico e o descontentamento político que a AVH não conseguira eliminar a despeito de seu poder de repressão. Sufocado o levante de 1956 a AVH era substituída por outra organização policial bem mais poderosa, a BKH e a coletivização foi implantada.

Embora se afirme que o *Novo Mecanismo Econômico*, iniciado em 1968, concorde com maior autonomia para as empresas, informa-se, por outro lado, que 97% de toda a terra arável húngara já se encontra transformada em *fazendas estatais*; do conjunto, 1/3 é trabalhado por estabelecimentos do Estado e 2/3 transformados em cooperativas agrícolas, restando 3% a cargo de empreendimentos individuais.

(dezembro de 1973)



# Sri-Lanka ou Ceilão

DELGADO DE CARVALHO

## 1 — Feições Físicas

Ilha asiática, em singular forma de pera, que os sentimentais dão a forma de lágrima, encontra-se a *República do Ceilão* entre 2° e 55' e 9° e 30' de latitude norte; sua superfície é de 65.000 km<sup>2</sup>, numa extensão de 435 km de norte a sul.

A literatura bramânica chama esta ilha de *Lanka*; os romanos chamavam-na de *Trapobana*; hoje, seu nome oficial é *Sri-Lanka*.

Por ter sido sempre importante sua posição estratégica no Índico, a ilha de Ceilão foi sempre tratada, sob o ponto de vista geográfico, como um apêndice do Continente Indu.

A estrutura da ilha é relativamente simples. No sul eleva-se o maciço cristalino no qual alguns picos ultrapassam 2.000 metros, como o *Pedro Talagala* (2.530 metros). Deste maciço central irradiam em leque, em todas as direções, lombadas montanhosas nos vales conseqüentes, nos quais correm numerosos rios de pouca extensão. Entre estes destaca-se, na parte oriental da ilha, o *Mahaweli*, cujo curso mede pouco mais de 200 quilômetros. O rio *Gal Oya Dam*, na região central, foi recentemente aproveitado por barragens, permitindo aproveitar 40.000 hectares de terras que, na estação seca, tinham que ser abandonadas.

As costas ocidentais e meridionais formam extensos cordões litorâneos que fecham lagoas, orladas de coqueirais. As costas orientais são mais elevadas e apresentam recifes. A noroeste, no estreito de Palk, que separa a ilha do continente indu, aparecem rosários de ilhas rochosas com bancos de areia que revelam altos-fundos na região denominada *Ponte de Adão*. A região do norte que enfrenta a Índia é formada de depressões calcárias com grutas,

galerias e pequenas colinas. A região sulina consiste em planaltos gnáissicos e pequenos maciços.

Fazendo parte da *zona tropical*, o Ceilão goza de um clima de fracas oscilações térmicas que a vizinhança do mar contribui para enfraquecer. O seu clima é dominado pelas alternativas dos *ventos de monção*. A de SO. a partir de maio, é de fortes chuvas; a de NE. oriunda do Golfo de Bengala, é mais fraca porém mais geral. A temperatura média de Colombo é de 26,7° sendo de 27,8° no mês mais quente e 25,5° no mês mais frio. A sua chuva anual é em média de 2 metros e 40 milímetros; intensificando-se entre setembro e dezembro e entre abril e junho. Na ponta norte a chuva alimenta grande número de rios pequenos que, depois das fortes pancadas, secam, deixando por vezes áreas sob forma de lago artificial, como o *Gant's Tank* na Província do Norte. Assim, de um modo geral, pode-se dizer que as montanhas do sudoeste marcam bem os limites das regiões seca e úmida respectivamente.

A fauna é variada e, além dos elefantes que são capturados e adaptados ao serviço do homem, abundam os macacos e leopardos, cobras e crocodilos. As aves são numerosas e podem ser classificadas em mais de 370 espécies, segundo o Prof. Joseph Pearson, Diretor do Museu de Colombo.

## 2 — Etnias e Religiões

Em relação à etnia, a população de Sri-Lanka oferece uma grande variedade devido às suas origens.

Os *Vedas* são tidos por autóctones, mas a raça principal é a *Cingalesa*; seus representantes vieram do sul do continente indu, localizando-se no centro da ilha, em Kandy principalmente.

Outra etnia importante vem a ser a dos *Tamilas*, de religião indu, que chegaram como conquistadores; são de estatura baixa, falam uma língua dravidiana, e localizaram-se principalmente no norte.

Em outras correntes imigratórias para o Ceilão se destacaram os *Mouros* oriundos da África Setentrional e os *Malátios*.

Existem finalmente descendentes dos antigos *colonos europeus* que ocuparam a ilha em diferentes épocas.

A população, em regra, é mal distribuída, pois há regiões em pleno abandono, e outras nas quais a população cresce com singular rapidez, como nas Províncias Ocidental e Central. A população total já é calculada em mais de 12.000.000 de habitantes; em certos

distritos chega a alcançar 550 almas por km<sup>2</sup>. O centro da ilha apresenta regiões despovoadas. Esta depauperação resultou das invasões tamilas, no século XIII, que destruíram o notável sistema de irrigação que os cingaleses haviam construído. Nestas regiões se localizavam as primeiras capitais cingalesas: Anura-Dapura e Polonaruwa.

A atual capital do Ceilão é a cidade de *Colombo*, que conta com pouco mais de 550.000 habitantes, na costa ocidental-sul. O seu porto é dos mais importantes do Extremo-Oriente, por ser dos mais freqüentados por todas as linhas de navegação. A cidade foi fundada pelos portugueses em 1507, com a autorização do rei local. Os holandeses se apoderaram dela, com o auxílio do rei Kandy, em 1656 e, por sua vez, os ingleses lá se instalavam em 1796. A industrialização de Colombo é ainda limitada a uma incipiente metalurgia, fábricas de cordoaria, olarias e corticeiras.

As principais cidades da ilha são: *Jafna*, no extremo norte, com cerca de 100.000 pessoas; a histórica cidade de *Kandy*, no centro montanhoso, com 70.000 pessoas; *Galle*, no sul, *Negombo* e outros pequenos centros urbanos. Uma estimativa de 1963 atribuiu 1.012.000 estrangeiros no país.

Quanto à *religião*, eram 7.000.000 de budistas, 2.000.000 de induístas, 844.000 cristãos e 724.000 muçulmanos.

Em matéria de *educação* é notável a obra realizada em Ceilão, cujo governo gasta 19,8% de seu orçamento para administrá-la gratuitamente, desde os jardins de infância até a universidade. Com suas 10.000 escolas e seus 100.000 professores, eram educados em 1969 cerca de 2.640.000 alunos e estudantes. A Universidade de Ceilão foi fundada em 1921 como colégio universitário; em 1969 foi completada de todas as Faculdades. Duas novas universidades foram fundadas em 1959.

### 3 — Os Domínios Sucessivos

A famosa epopéia indu, o *Ramayana* conta a conquista da ilha pelo herói *Rama* que, auxiliado por um macaco, foi recuperar a sua esposa *Sita*, raptada por *Ravana*, rei de Lanka. Este episódio homérico demonstra a semelhança dos destinos da Índia e de Sri-Lanka que, aliás, também tem sua péica épica no *Mahavansa*. Poucos são os países do Extremo-Oriente que possuem crônicas tão antigas.

A história cingalesa trata do desembarque de *Vijaya*, o rei cingalês, em 504 a.C. que, oriundo do Bengal, levava para a ilha companheiros dra-

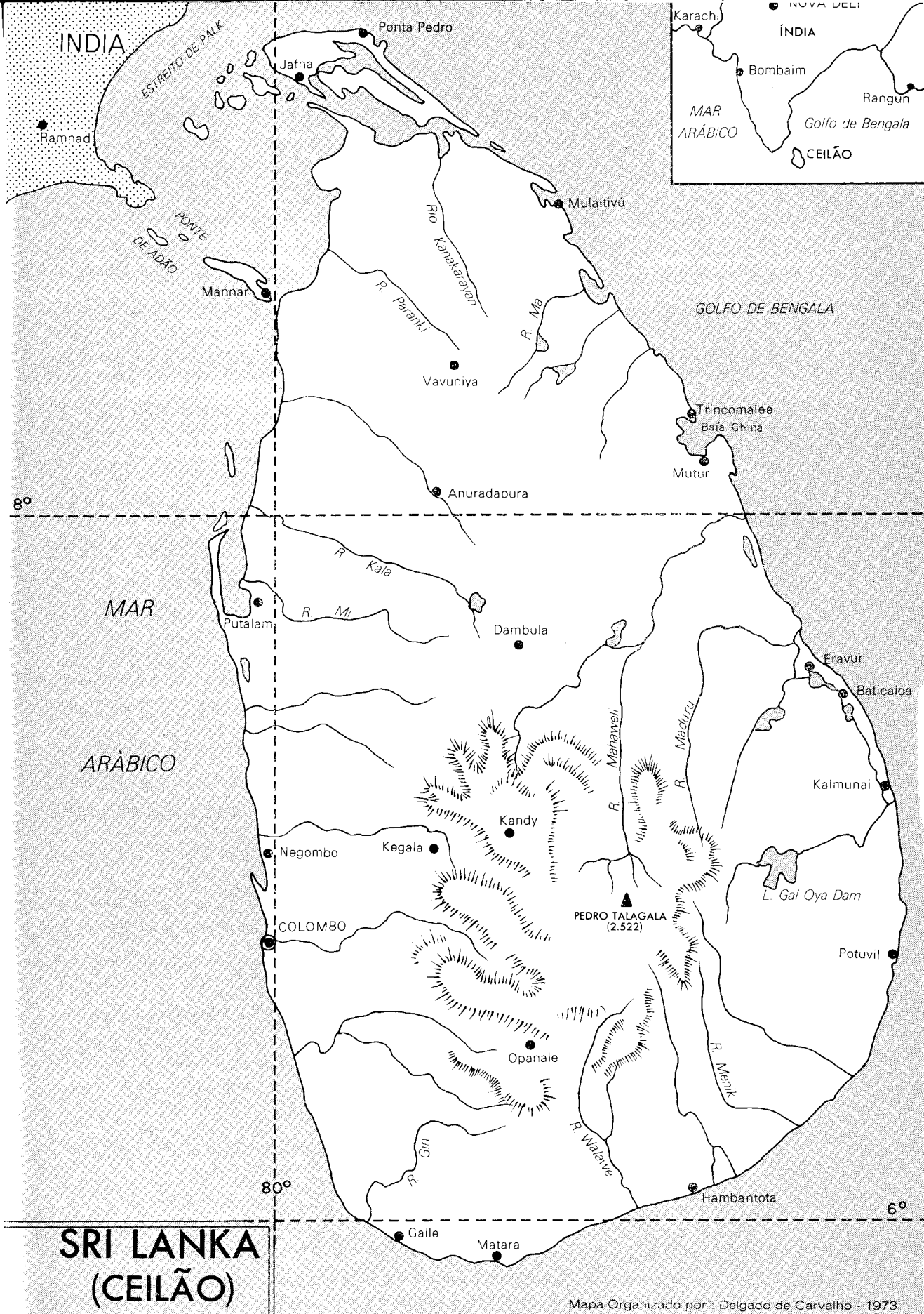
vidianos de língua ariana. *Vijaya* casou-se com uma princesa *Veda*, isto é, indígena. A monarquia que ocupou o centro-norte tinha *Amura-Dapura* como capital e era dotada, por ser região seca, de canais, represas e sistemas de irrigação. Em 307 a.C. a região foi visitada por um filho de *Açoka*; a tradição também relata a estada do próprio *Gautama*, talvez por levitação. A história antiga do Ceilão lembra, com seus episódios de revoltas, de crimes e violências, a história dos Merovíngios.

A monarquia cingalesa, entretanto, teve uma *Idade de Ouro de Lanka*: foi o reinado de *Prakrama-Bahu* que invadiu a Birmânia e o sul da Índia, ficando célebre pelas colossais despesas em obras improdutivas, de puro luxo, sobrecarregando os seus súditos de impostos e impondo-lhes o regime vegetariano, bem como o respeito a toda e qualquer vida animal.

Em várias ocasiões foi o Ceilão anexado por príncipes indianos, mas no século XV, tendo sido maltratado um emissário chinês, no reinado de *Vijaya IV* (1408), um exército da China invadiu a ilha, capturou o rei e manteve durante 30 anos a dominação chinesa.

No século seguinte (1505) deu-se a visita dos portugueses sob o comando de *Francisco de Almeida*, que estava empenhado na conquista da Índia. A ilha, naquela época, estava dividida em sete monarquias rivais e os portugueses, por ordem do Vice-Rei de Goa, construíram um forte em Colombo. Quando atacaram *Jafna*, declararam que tinham se apossado do "Dente de Buda", a preciosa relíquia búdica, depois queimada em praça pública de Goa, por ordem do bispo. O clero cingalês porém afirmava ter sido este um falso dente, estando o verdadeiro conservado em *Kandy*. Foi considerável a obra de catequese efetuada pelos portugueses; mas nem por isso ficaram populares na ilha, e quando apareceu a esquadra holandesa, o rei de *Kandy* solicitou o seu auxílio para expulsá-los. Aproveitaram então os holandeses a ocasião para conquistar Colombo, *Negombo* e *Jafna* (1644-58). O domínio batavo foi progressista, metódico e eficiente, mas severo e exigente na taxaço. Tolerante para todas as religiões, os holandeses só perseguiram os católicos.

Depois de uma missão britânica, enviada de *Madrasta* (1763), começaram os ataques de frotas inglesas na costa oriental, perto de *Tricomalee*. No fim do século XVIII estava estabelecida a dominação inglesa que sucedia ao século e meio da fase holandesa.



Numerosas famílias holandesas se tinham integrado na vida cingalesa, conservando entretanto seus usos e tradições, sem todavia obter a simpatia dos cingaleses. A Madrastra cabia então a administração da colônia, fato que determinava uma revolta (1798) e a transformação da ilha em *Colônia da Coroa* com a sua cessão definitiva à Inglaterra pelo *Tratado de Amiens* (1802). O Reino de Kandy, cedido também, conservava a sua liberdade civil e religiosa.

A situação geográfica tão próxima da Índia destinou a ilha a considerar o subcontinente vizinho como o mais importante fator de sua política exterior, visando sempre conservar a sua identidade nacional e sua independência étnica. Conquistada a sua autonomia política, Sri-Lanka visa prosseguir suas boas relações com o Paquistão, e conta com o apoio da China para enfrentar o expansionismo indiano.

Um dos principais obstáculos à industrialização de Sri-Lanka é a despesa exigida pelos 50% de suas importações de gêneros alimentícios ainda indispensáveis a suas populações em crescimento. É pois, ainda, a situação de *uma agricultura insuficiente* que dita a política exterior do país.

#### 4 — Evolução Econômica

Hugh Clifford, antigo governador de Ceilão, repetia que a prosperidade do país dependia exclusivamente de sua lavoura. As principais culturas da população indígena são os *cocos*, o *arroz* e as *frutas*; no século passado deu-se o episódio da *produção cafeeira*, introduzida pelos ingleses, financiada por capitais europeus e largamente auxiliada pela contribuição indígena. Nos primeiros anos de 1880, a ilha se tornou grande exportadora de café, chegando a mais de 250.000 sacas produzidas em cerca de 40.000 alqueires, segundo o inquérito de Dumont Villares. Em poucos anos, depois de 1890, foi esta riqueza destruída pela moléstia criptogâmica (*Hemilélia Vastatina*) que lá encontrou clima e altitude favoráveis, arruinando numerosos fazendeiros; assim, em 1913, a produção foi de apenas 150 sacas.

Com o declínio do café, foram feitas tentativas de sua substituição pelo *chá* que se desenvolveu rapidamente no fim do século passado. Depois da Índia, e antes da China, Ceilão se tornou o maior produtor de chá. As plantações se encontram nas zonas montanhosas de Kandy, e o valor de sua exportação anual é de 15 mil libras

esterlinas. Seus maiores clientes na importação do chá são a Inglaterra, a Austrália, a África do Sul, o Canadá, a Nova Zelândia e os Estados Unidos.

O terceiro produto cingalês de exportação é o *caucho*, que se encontra nas terras baixas ao sopé das montanhas do sudoeste. *Cacau*, *canela*, *óleo de coco* são outras exportações em progresso.

A base da alimentação no Ceilão é o arroz, que não é produzido em quantidade suficiente para atender ao consumo local. A cultura é efetuada em terraços; as colheitas correspondem às duas fases de monções. No norte e no leste o cultivo é efetuado com regadio de tanques das aldeias. Grandes extensões de arrozais estão aos cuidados do governo.

“As manufaturas em grande escala, diz Dudley Stamp, se reduzem à preparação de produtos agrícolas em conexão com as plantações de chá, caucho, cocos e cacau. As manufaturas indígenas têm menor importância; são típicos os trabalhos em casco de tartarugas, servindo para a fabricação de objetos de arte, principalmente em Galle; é praticada a arte de tecelagem, de cestaria e de talha de pedras preciosas.” (“Ásia — Geografia Regional e Econômica”).

O comércio de importação é representado pelos seguintes produtos, em ordem de importância (em milhares de rúpias): arroz, têxteis, petróleo, farinha de trigo, peixe, açúcar, fertilizantes e laticínios. Estas importações, que em 1969 se elevavam a mais de 2.543.000, vinham principalmente da Inglaterra, China, Estados Unidos, Índia, Austrália, Japão e Alemanha Ocidental.

O desenvolvimento econômico de Sri-Lanka acompanha o seu rápido e considerável desenvolvimento demográfico, orientado, na fase atual, por uma solução política bem caracterizada de Estado recém-independente.

#### 5 — O Plano Colombo

Depois da Segunda Guerra Mundial, entrava o Ceilão no Domínio da Comunidade Britânica de Nações, como Estado livre e autônomo. Esboçava-se, então, um movimento da Ásia ressurgente, no qual várias potências acudiram ao convite do governo de Colombo, enviando para lá os seus respectivos chanceleres.

Ceilão, ilha isolada, relativamente pequena no mundo asiático, mas sem interesses internacionais especiais, nem ambições expansionistas, se achava em

condições de prestar desinteressado serviço à causa das Potências do Sudeste da Ásia. O *Plano Colombo*, reunido na capital cingalesa, congregava a Índia, o Paquistão, a Birmânia, a Tailândia, o Vietnã, Singapura, Bornéu, Maláia, Cambodjia, Nepal e Laos, numa cooperativa econômica de desenvolvimento. Foi bem acolhido o plano e funcionou satisfatoriamente pelo prazo fixado de seis anos. Necessidades idênticas se manifestaram em todos esses países, que careciam de duas coisas principalmente: *capitais e auxílio técnico*. Dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Austrália, da Nova Zelândia e do Canadá vieram as contribuições monetárias e materiais. Para a execução do plano, reuniram-se, em Sydney e Londres, conferências internacionais. As primeiras realizações foram levadas a efeito para o aproveitamento de terras e irrigação com o objetivo de aumentar a produção de cereais; foi também visada a produção de energia elétrica, construção de usinas e estradas. O objetivo do plano e sua realização foi um grande serviço prestado pelo Ceilão à causa da paz no Extremo-Oriente.

## 6 — Evolução Política

Desde 1802 era o Ceilão uma colônia separada da administração de Madraça, passando no século XIX por diferentes e progressivos estágios de autonomia. A sua situação de *independência na Comunidade Britânica* foi adquirida pelo Ato que entrou em vigor em fevereiro de 1948. A Constituição, que dotava o país de um Parlamento e de duas Câmaras, não teve longa duração, sendo modificada pela ativa vida parlamentar e pleitos eleitorais que alteraram o regime governamental nestes últimos vinte anos.

Durante este quarto de século, o Estado cingalês fez a sua aprendizagem de liberdade política, demonstrando decidida aptidão. Salomão Bandaranaike, rico proprietário, formado em Direito em Oxford, e convertido ao budismo, foi o fundador do *Partido*

*da Liberdade*. Conseguiu unir os partidos de esquerda contra o *Partido da União Nacional* (UNP), e depois de ganhar prestígio, obtendo a evacuação das bases britânicas na ilha (Trincomalee), perdeu a popularidade quando quis impor a língua cingalesa em vez do inglês e do tâmil. Assassinado por um monge budista, foi substituído no governo por sua viúva Sirimavo Bandaranaike, feita, em 1960, chefe do Partido da Liberdade (Freedom Party). O governo da Sra. Bandaranaike, amparado pelas eleições esquerdistas, que derrotaram o partido histórico de Dudley Sananayake, de 1960/65, além de modificar a Constituição, efetuou numerosas reformas de caráter um tanto radical. Em relação à língua oficial, o caso ficou finalmente resolvido com a substituição definitiva do inglês pelo cingalês e, posteriormente, a admissão do tâmil que 22% da população fala; foi a emancipação cultural e social do povo tâmil.

Tendo recusado o amparo oferecido pelo governo, as escolas católicas foram fechadas. A *política ultranacionalista*, além do controle do ensino, impôs fiscalização à imprensa, incluindo os transportes, o porto de Colombo, os instrumentos de crédito, as instalações do petróleo. A Presidente fez uma visita à China, onde Chu-en-Lai teve ocasião de lhe dar alguns conselhos, censurar o seu "socialismo", concedendo finalmente 300 milhões de rúpias de empréstimo a Sri-Lanka.

Crescendo, porém, as dificuldades econômicas com o desequilíbrio da balança comercial, a expansão demográfica, o aumento necessário de importações de alimentos, as eleições de 1965 derrotaram o governo da Sra. Presidente; por isso, esta renunciou à sua política nacionalista anticapitalista, desfazendo grande número de reformas iniciadas. A Inglaterra, os Estados Unidos e o Canadá entraram então com importantes empréstimos. Tornou-se um governo de coligação com Sananayake e Sirimavo (maio de 1970).

(dezembro de 1973)

# Líbano: país entre dois mundos

THEREZINHA DE CASTRO

Geógrafa do IBGE

## 1 — Formação do Estado

A estreita planície costeira do Mediterrâneo, separada do restante do continente denominado *Oriente Próximo* pelos montes Líbano, se opôs, no passado, ao movimento para o hinterland. Assim, o núcleo geohistórico do Líbano atual nasceria com os *fenícios*, vivendo em cidades-estado, sempre dependentes do comércio marítimo. Vivendo porém desagregados, esses minúsculos Estados tornaram-se presas fáceis de diversos povos invasores. Daí ter o Líbano pertencido ao *Império Assírio*, feito parte do *Império Babilônico*, ser conquistado pelos *persas*, pelos *gregos*, pelos *macedônios*, integrando finalmente o *mundo romano*. Com a divisão deste, passou a fazer parte do *Império Romano do Oriente ou Bizantino*, para cair em poder dos *árabes muçulmanos*, quando da conquista dos quatro primeiros califas (632-661). Foi *foco de ativa luta no tempo das Cruzadas* entre cristãos e muçulmanos; fez parte dos Estados dos Cruzados no Levante como *Condado de Trípoli*. Pertenceu ao *Sultanato Mameluco do Egito e Síria*, para no século XVI cair em poder dos *turcos muçulmanos*.

Com os montes Líbano servindo de refúgio, a penetração turco-muçulmana não conseguiu eliminar de todo as comunidades cristãs. A resistência dessas levaria as potências europeias a intervir no *Império Otomano*, impondo em 1862 um *regime autônomo para o Líbano*.

Dentro desta categoria, o Líbano integrou, posteriormente, com a Síria, o *mandato francês* (1918-1939) que aí foi criado pela Liga das Nações, com o desmembramento do Império Otomano, após a Primeira Guerra Mundial.

Apesar de absorver melhor e mais pacificamente que a Síria a cultura

ocidental francesa, o nacionalismo libanês esteve sempre presente até 1941, quando o país viu *proclamada a sua independência*; esta, na realidade, só se tornou efetiva em 1946, após a Segunda Guerra Mundial, com a retirada completa das forças estrangeiras que ainda permaneciam no país.

## 2 — Aspecto Físico

A região situada entre o mar Mediterrâneo e os desertos da Arábia e Síria apresenta uma certa unidade geográfica, tendo sido denominada pelos franceses de *Levante*. Aí, com sua *forma alongada*, o Líbano mede 190 km de comprimento por 56 km de largura, limitando-se com a Síria, Israel, banhado pelo Mediterrâneo, e contando com uma área de 10.400 km<sup>2</sup>, bem menor que a de qualquer Estado brasileiro.

Duas cadeias de montanhas calcárias cortam o país de norte a sul; são elas os *montes Líbano* e o *Anti-Líbano*.

Os montes Líbano se estendem através de 160 km, apresentando altitudes superiores a 3.000 metros, tendo pouco mais do que isso o seu pico culminante — o *Kornet-es-Sauda*. Essa cordilheira forma uma só cadeia mais aberta ao norte, e de perfil mais agudo ao sul onde se torna menos imponente, para acabar na meseta da Galiléia, coberta por gramíneas, com altitudes abaixo de 500 metros.

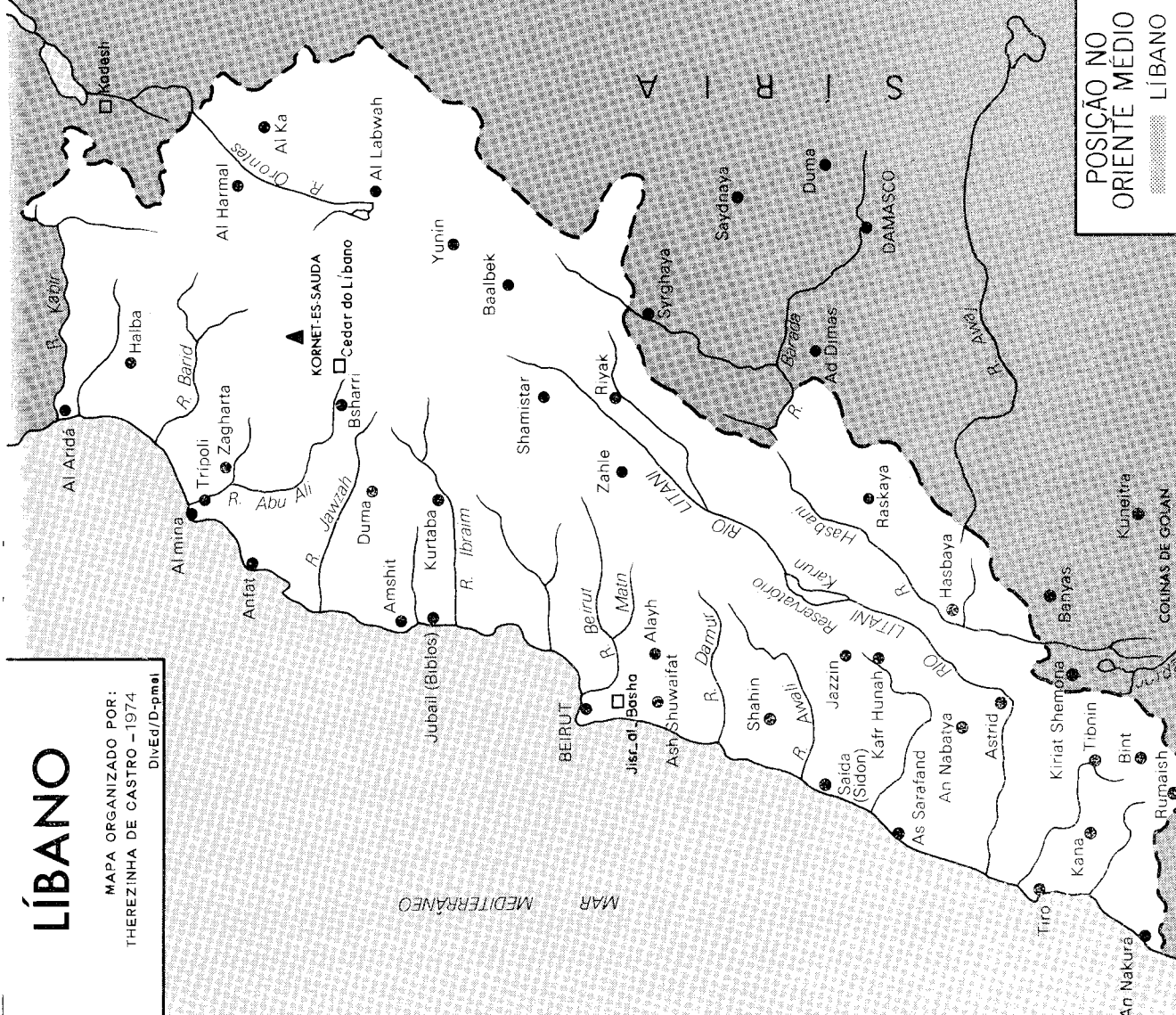
A existência de fontes de água no topo dos montes Líbano dá origem a *numerosos cursos de água* que descem para a planície litorânea e desembocam no Mediterrâneo. A existência dos rios *Barid, Abu-Ali, Ibraim, Beirut-Matn, Damur, Awali* etc., cortando um solo variado e fértil, derivado dos afloramentos rochosos das ladeiras do Líbano, contribuem de modo decisivo para a economia do país, permitindo que essas zonas estejam bem cultivadas. Assim, a vertente ocidental desta montanha é a região mais verde do Oriente Médio, na atualidade; nos fundos dos vales cultiva-se *árvores frutíferas, culturas hortícolas, vinhedos, oliveira e trigo*; ao lado dos bosques de *pinheiros*, algumas manchas de *cedro*, o símbolo do país, que a exploração intensiva do tipo recoletor, sem o planejado replantio, quase que fez desaparecer.

A parte oriental dos montes Líbano é árida e está marcada por uma *grande linha de falha*; começa aí a chamada *Bekaa*, que embora pareça continuar a falha no Jordão, dela é independente; os movimentos sísmicos registrados na região do Jordão não se transmitem diretamente à zona do Bekaa.

# LÍBANO

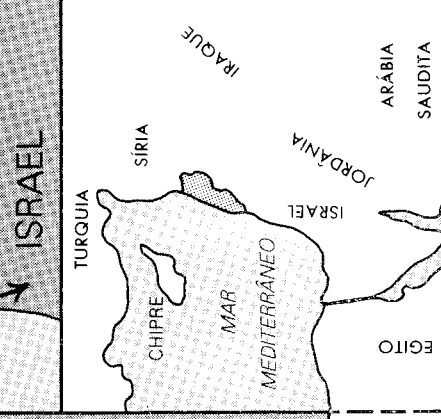
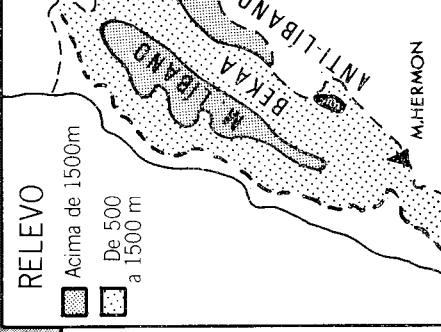
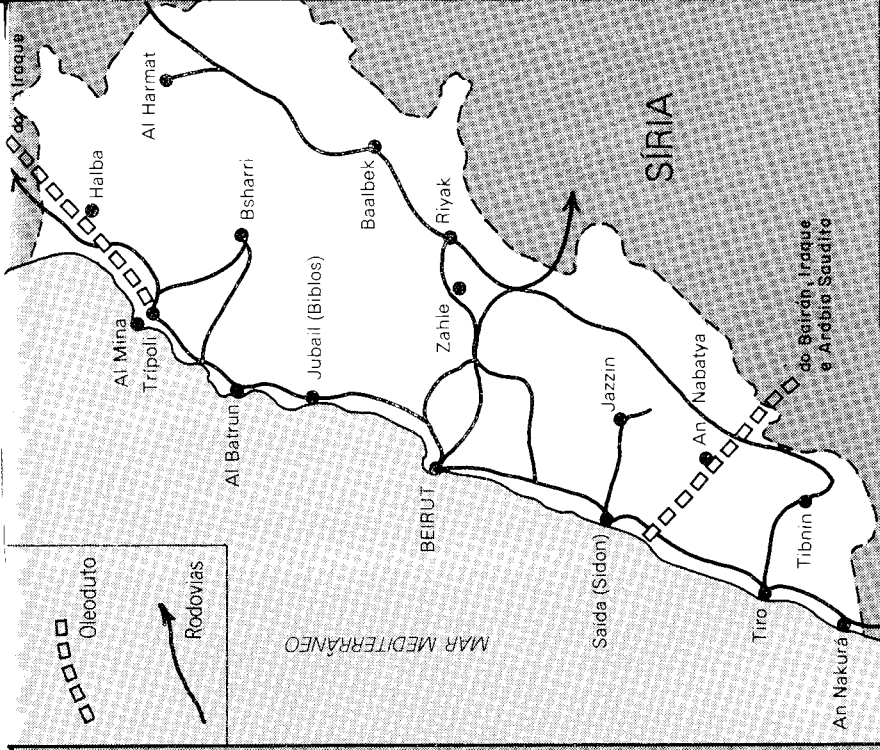
MAPA ORGANIZADO POR:  
THEREZINHA DE CASTRO - 1974

Div.Ed./D-p.mol.



POSICÃO NO ORIENTE MÉDIO

LÍBANO



O solo da Bekaa ascende suavemente para o centro, onde *Baalbek*, na divisória dos rios *Orontes* e *Litani*, encontra-se numa altitude de 1.000 metros. O vale do Bekaa está situado entre os montes Líbano e Anti-Líbano e, tanto no leste quanto no oeste, essas montanhas se elevam a uns 2.000 metros, ficando cobertas de neve durante grande parte do ano. Com exceção da parte setentrional, onde é pedregoso e poroso, o solo da Bekaa é geralmente fértil, estendendo-se essa região por cerca de 120 km de comprimento por 8 a 12 km de largura.

A leste da Bekaa eleva-se a *anticlinal* que forma os montes Anti-Líbano, com altitudes menores que as dos montes Líbano, atingindo em média os 1.800 metros; esta linha de cristas, que marca em grande parte a fronteira sírio-libanesa, apresenta-se com uma largura média de 30 km. Essa anticlinal, de direção sudoeste-nordeste, vem terminar no rio Eufrates.

As chuvas que esses montes recebem desaparecem no solo permeável e quando as águas voltam à superfície formam arroios como o *Barada* que se dirige para o deserto sírio. Por esta razão, a parte superior desses montes não apresenta quase vegetação, e só nas zonas mais baixas nota-se uma formação herbácea durante pequena parte do ano. É ainda por isso que esta é a zona mais despovoada do país, percorrida em geral por pastores nômas que se abrigam em alguns oásis.

Como continuação do Anti-Líbano destaca-se o monte *Hermon* que em árabe se denomina *Yebel-esh-Sheikh*; encontra-se aí o monte *Tabor* com 588 metros, sítio fortificado de vários povos invasores da Palestina, e onde a tradição diz se ter realizado a transfiguração de Jesus Cristo. Os dois maciços, Anti-Líbano e Hermon, estão separados pelo desfiladeiro ocupado pelo *Barada*. O monte Hermon alcança sua altitude máxima de 2.800 metros, sendo portanto mais elevado que o Anti-Líbano; suas águas seguem para o Jordão ou para os sekkhas da planície de Damasco; constituem-se nos principais cursos o *Hasbani* e *Awaj*.

### 3 — Ocupação Humana

A simplicidade da geografia física do Líbano contrasta com a grande irregularidade na distribuição de sua população.

A zona costeira é a mais densamente povoada, estando aí as cidades mais importantes do país. As duas mais populosas, Beirut e Tripoli, se encontram em áreas onde a planície costeira

mais se alonga; sendo também bastante extensa essa planície na região de Saída, destacando-se ainda no litoral as cidades históricas de Tiro e Biblos, esta última hoje denominada Jubail.

*Beirut* é a capital do Líbano, localizada à beira-mar, numa colina calcária onde existem numerosas grutas, dentre as quais destaca-se a de Pigeons. Seu porto, o mais bem equipado na costa levantina, se beneficia de posição no Mediterrâneo, na rota do golfo Pérsico—Mar Vermelho; aos fenícios, quando fundaram a cidade, então denominada Berytos, não escapou essa posição privilegiada. Os cruzados construíram em Beirut uma grande igreja dedicada a São João, e que hoje se constitui na principal mesquita da cidade.

*Tripoli*, a Tarabulus dos árabes, viveu durante muito tempo à custa da pesca e colheitas de esponjas do mar. Seu desenvolvimento atual se deve sobretudo à instalação de uma refinaria, por se encontrar no terminal de um oleoduto que traz o petróleo do Iraque. É também mercado agrícola e centro industrial de transformação desses produtos. Verdadeira capital do norte do país, Tripoli, foi no passado centro de resistência cristã contra o domínio muçulmano.

*Saída*, antiga Sidon dos fenícios, é hoje moderno porto dominado por castelo dos Cruzados; um pouco mais ao sul dessa cidade desemboca o oleoduto que traz o petróleo do Bairán, Iraque e Arábia Saudita.

Também cidade fenícia, fundada no século III a.C., Tiro teve grande desenvolvimento no passado, pois além de mercado de cedro, recebia as caravanas que, partindo de Damasco ou do Mar Vermelho, traziam para os ocidentais os produtos asiáticos e africanos. Expandindo-se pelo Mediterrâneo, os comerciantes fenícios de Tiro fundaram colônias no norte da África — a célebre Cartago e na Espanha o porto de Cadiz, rota do estanho trazido das ilhas Cassiteritas (Britânicas). Seus habitantes auxiliaram, com suas madeiras e artesãos hábeis, na construção do templo de Salomão em Jerusalém. Hoje, comparada a sua população com as demais cidades litorâneas do Líbano, vê-se que sua importância não é tão grande quanto a do passado.

*Jubail* ocupa o lugar da antiga cidade fenícia de Biblos que no século IV a.C. mantinha intenso comércio com o Egito; como Tiro, vive de suas reminiscências históricas, havendo nessa cidade um plano siderúrgico que aproveita o ferro extraído em suas imediações.



Na zona da Bekaa, onde florescem os *vinhedos*, ao lado das culturas de *cereais e legumes*, a população já é mais rarefeita. Destaca-se aí *Zahle*, capital das populações cristãs estabelecidas na vertente oriental dos montes Líbano. Por sua altitude de 945 metros apresenta-se com clima ameno, e domina os mais importantes vinhedos, destilando *um arak renomado*, bebida fermentada aprendida pelos árabes na Índia.

Finalmente, na zona interiorizada dos Anti-Líbano estão as mais baixas densidades de população. Na vertente ocidental dessa cadeia de montanhas situa-se *Baalbek*, num oásis que *produz frutas e permite a criação*. Cidade fenícia, destinada ao culto do deus Baal, foi a *Heliópolis* dos gregos que aí adoraram o deus Sol, como os romanos. Além das ruínas dos templos de Baco, Júpiter e outros, encontra-se, nas imediações dessa cidade, a maior pedra lavrada do mundo, com 21,35 metros de largura por 4,33 metros de altura, pesando 1.500 toneladas; acredita-se que esse bloco tivesse sido destinado a Acrópolis, mas que os gregos não puderam transportá-lo daí.

Cidade	População
Beirut	702.000
Trípoli	175.000
Zahle	46.800
Saída	24.740
Baa'bek	18.000
Tiro	14.000

Fonte: *The Statesman's Year Book* — 1973/1974.

#### 4 — Situação Étnico-Política

A população absoluta do Líbano, estimada em 1971, era de 2.845.636 habitantes. Desigualmente repartida em núcleos enclausurados e separados uns dos outros, esses povos são bastante diversos, embora *sob o ponto de vista religioso predominem cristãos e muçulmanos*.

Os *muçulmanos* se dividem nas *seitas sunita e shiíta*; os primeiros estabelecidos nas planícies costeiras, os outros na Bekaa e sul do país. Na parte central dos montes Líbano vivem os *drusos*, componentes de uma seita ismaelita extremista.

As comunidades cristãs são bem mais numerosas, sendo que os *maronitas* constituem a parte mais importante. Os grupos cristãos, uns ligados

a Roma e outros ao Patriarcado Grego, com seus particularismos, tomam o nome de "nações" que, por pactos tradicionais, vivem em paz com os muçulmanos aos quais se reúnem numa espécie de regime político, cuja base é o *confessionalismo*. De acordo com o sistema, a partilha das responsabilidades nacionais entre as diversas comunidades ou *pro ratas* são distribuídas de acordo com a sua importância numérica. Como o confessionalismo é previsto pela Constituição do Líbano, o Presidente da República é sempre um maronita, o grupo mais numeroso; o Presidente do Conselho é um sunita, enquanto o Presidente da Câmara é um shiíta; vemos pois, pelo quadro que se segue, que os três grupos são os de maior número de adeptos no grupo cristão e muçulmano.

CRISTÃOS	maronitas	424.000
	ortodoxos	150.000
	armênios	91.000
	romanos	14.500
	protestantes	14.000
MUÇULMANOS	sunitas	286.000
	shiítas	250.000
	drusos	88.000
	judeus	6.600

Fonte: *The Statesman's Year Book* — 1973/1974.

Em meio a essa diversidade religiosa, dividida em seitas ou credos, os demais grupos não estão incluídos nas *pro rata*, vivendo porém, livremente, em suas comunidades religiosas no Líbano.

Nessas condições, vivendo no chamado *mundo árabe*, o Líbano se transformou num complexo político-religioso que difere do todo em que vive, demonstrando sempre suas *tendências pró-ocidentais*.

É a *menor dentre as nove repúblicas chamadas árabes* (Síria, Sudão, Egito, Tunísia, Iraque, Argélia, Iêmen do Sul e Líbia); é também a *mais antiga de todas*, pois, nela, o regime foi instaurado em 1941.

O Líbano é o *centro geográfico e espiritual do Levante*; em suas montanhas os cristãos se refugiaram dos muçulmanos, e hoje os dois povos vivem em conjunto. Aliás, esse fato é

apontado como o lado mais forte do sentimento de nacionalidade do libanês, no presente. *Ilha cristã entre muçulmanos* é o Líbano, a porta aberta do mundo árabe para o Ocidente, pois foi a área arabizada que mais assimilou a ocidentalização representada, aí, desde o século XVII, pelos franceses.

Embora localizado numa verdadeira ilha de fertilidade, a *balança comercial* do Líbano vem sendo *deficitária*, já que o país importa grande parte de produtos alimentícios e maquinarias; suas exportações são em geral de frutos e legumes para a Turquia, Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha Ocidental.

Suas comunicações tropeçam com obstáculos montanhosos, sendo porém satisfatória a sua *rede rodoviária*, com uma cifra de 4.000 km, dos quais 2.400 km asfaltados. Seu *aeroporto de Khaldé*, próximo de Beirut, concentra a maior parte do movimento que liga a Europa, Oriente e África.

País entre dois mundos — o árabe e o judeu, o Líbano não escapou ao problema das guerrilhas palestinas. Por isso, em princípio de março de 1972, as forças de Israel invadiram o sul do Líbano, onde destruíram bases guerrilheiras, numa operação que durou 4 dias, realizada com tanques, artilharia e ataques aéreos. Ante a gravidade do fato, o exército libanês que conta com apenas 15.000 homens, enviou unidades para sua fronteira com Israel, enquanto o governo de Beirut declarava que não permitiria outras operações partindo de seu território. Assim, na chamada *Guerra do Yom Kippur*, quando em 1973 os árabes se uniam para atacar Israel, no dia do “perdão judeu”, embora as operações do norte tivessem se estendido à zona das colinas de Golan, o Líbano manteve-se afastado do conflito.

(janeiro de 1974)

# Uganda na comunidade oriental africana

DELGADO DE CARVALHO

## 1 — Aspectos Físicos

O grande planalto central africano, que se estende do Sudão ao Zambeze, comporta regiões que só recentemente foram estudadas pelos geólogos. Foram exploradas pelos ingleses Burton e Speke na segunda parte do século passado (1856), quando o problema ainda se relacionava com a localização das fontes do Nilo. Nestes últimos cinquenta anos, porém, foram emitidas as mais conhecidas e autorizadas hipóteses sobre as origens geológicas do relevo central africano. As regiões estudadas abrangem cerca de 2.000.000 de km<sup>2</sup>, e suas feições geográficas comportam explicações um tanto contraditórias.

Wegener (1922) adotou a interpretação sugerida pela *Terra de Gondwana* que liga a América do Sul à África, à Índia e mesmo à Austrália. É a *Teoria da Deriva dos Continentes* que a forma retangular da costa setentrional do Brasil parece encaixar na grande concavidade do golfo da Guiné, de idêntico embasamento granítico. A presença da flora "glossopteris", planta fóssil, de ambos os lados, parece confirmar a tese. Em 1921, porém, o Professor inglês J. W. Gregory acusava o Oceano Índico de ter causado com o seu afundamento, o rompimento de norte a sul de uma extensão sinclinal de 5.000 km, formando o *Grande Vale de Fratura* ou "Rift-Valley"; este vale se estende até o mar Vermelho e o mar do Norte. Mais tarde, em 1937, o cientista sul-africano Du Toit salientou as semelhanças estruturais entre a África Ocidental e o nosso continente.

A *África Oriental* é, pois, uma terra de grandes deslocamentos e de enormes pressões que procuram os movimentos de levantamento e abaixa-

mento. A base cristalina primitiva foi levada a grandes altitudes; o planalto granítico do *Uniamuezi* se mantém a mais de 1.200 metros de altitude média. De cada lado deste planalto elevam-se as falésias verticais sobre lagos compridos e estreitos de direção norte-sul: os lagos *Niassa* e *Rodolfo* a leste e os lagos *Tanganika*, *Kiva*, *Eduardo* e *Alberto* a oeste, enquadram a *bacia do lago Vitória*. Este não é lago de fratura, sua bacia é larga, pouco profunda (mais ou menos 80 metros), possuindo costas baixas, recortadas e com muitas ilhas e ilhotas litorâneas. Este lago é um dos depósitos das *águas destinadas ao Nilo*; captando as águas do singular lago *Kioga* (com forma de lagartixa), recolhe também as águas do lago *Alberto*, antes de receber o nome de *Bahr el Djebel* e formar definitivamente o famoso Nilo.

Quanto ao relevo que emoldura a vasta parte entre as savanas do norte e do sul, apresenta, na orla ocidental, o *Ruvenzori* com mais de 5.000 metros de altitude entre os lagos Eduardo e Alberto; na orla oriental, o *Elgon* é vulcão extinto com mais de 4.300 metros. Mais para o leste, já a caminho da costa oceânica, levanta-se a quase 6.000 metros de altitude o *Kilimandjaro*, o gigante africano; também vulcão extinto, foi escalado pela primeira vez pelo alpinista alemão Hans Meyer. Mais ao norte, em cheio sobre a linha equatorial (0° 105' de latitude sul), se eleva também a mais de 5.000 metros o *Kênia*, coberto de neves eternas.

A hidrografia da África Oriental é tributária de três mares africanos — o Atlântico, o Índico e o Mediterrâneo. Seus rios, emissários de lagos, formam importantes cachoeiras, têm bacias fechadas, correm por extensões desérticas e procuram reservas lacustres. Para o *Mediterrâneo* só corre o *Nilo*, recolhendo nos planaltos, nos grandes conjuntos lacustres a energia necessária para percorrer os 3.500 km no deserto até chegar ao mar. Para o *Atlântico* são os lagos ocidentais que alimentam os rios encachoeirados, como o *Lucuga*, tributário do alto rio Congo. São mais extensos os rios que se dirigem ao *Índico*; como o *Pangani* nascido no maciço do Kilimandjaro, o *Rufiji*, que forma um delta após receber um leque de afluentes tanganicanos, e finalmente o *Rovuma*. Por sua vez, o litoral índico é baixo, orlado de lagoas, arenoso e branco de cegar; daí a falta de bons portos, excetuando-se *Mombam*, *Dar-es-Salaam*, *Tanga*, mas compensado pelas ilhas de *Zanzibar*, *Pemba* e *Máfia*.

É esta região litorânea que melhor reproduz as feições características do *clima equatorial* sob o regime das

*monções*, que alcança sua maior intensidade no Índico. São estes *ventos aliseos* que estabelecem na expressão dos indígenas “a estação das duas velas”, e dotaram a África Oriental de eficientes populações marítimas, antes mesmo da invenção da navegação a vapor.

Embora o planalto da África Oriental seja *atravessado pela linha equatorial*, devido às suas *altitudes os seus climas nem sempre correspondem às suas latitudes*. As temperaturas, de um modo geral, são moderadas, e pequena a variação anual; comparadas com outras temperaturas equatoriais, as suas médias mensais são 6° C mais baixas que as da África Central ou Ocidental. Por exemplo, *Nairobi*, a

1.680 metros, cidade procurada pelos europeus, marca 19° C e 14° C, como suas temperaturas extremas. Entretanto, no que diz respeito ao europeu não aclimatado, o Professor Walter Fitzgerald escreve em sua “Geografia Social e Econômica da África”: “...são de reservar para a maioria graves conseqüências para a saúde mental e física se é prolongada a residência naquelas montanhas equatoriais”. Atribui este inconveniente à falta de “um ritmo bem marcado de estações”, que os europeus, nórdicos, principalmente, encontram nos climas temperados. O geógrafo inglês exemplifica a severidade de suas previsões em função das “noites frescas durante grande parte do ano”.

Estações	Altitude	Mês + quente	Mês + frio	Chuvas
Nairobi	1.680	18°,5 (março)	14°,7 (julho)	1 metro
Entebbe	1.190	22°,6 (jan.)	21°,1 (julho)	1m.498
Mombasa	costa	27°,6 (março)	24° (julho)	1m.197
Dar-es-Salaam	costa	27°,7 (jan.)	23°,2 (julho)	1m.150

As chuvas apresentam geralmente um duplo máximo anual. As precipitações médias não ultrapassam 1 metro e meio, sendo mais pronunciadas no sul do lago Vitória. “A monção de verão, diz Walter Fitzgerald, forma grande parte da grande corrente monçonal de ar procedente do Oceano Índico e que afeta a Índia e a África Oriental do mesmo modo. De ano para ano esta corrente oscila em força e o total da precipitação depende desta variação correspondente. Nos anos de suas secas excessivas ou de chuvas anormais na Índia, coincidem respectivamente com os anos de fracas ou fortes enchentes do Nilo”.

## 2 — Populações

A população autóctone da África Oriental parece ter sido exclusivamente de *negritos*, que na era diluvial foi, em grande parte, substituída pelos *bantus* procedentes da Ásia, por via da Somália. Ondas posteriores de *camitas*, entre outros os *massais* que introduziram o pastoreio. Só no século XIX apareceram os *zulus*, vindos do sul. A população da África Oriental que hoje conta com mais de 30 milhões de indivíduos, é pois *uma área de profunda fusão de etnias*, já que além desses elementos se incluem *asiáticos, indus, árabes, além de europeus*. No conjunto, o sul é de predominância bantu, o

norte é mais camita, o noroeste é sudanês e nilótico, destacando-se na costa os asiáticos.

A variedade étnica é confirmada pela existência de *cerca de 80 línguas diferentes* faladas por 40 grupos indígenas.

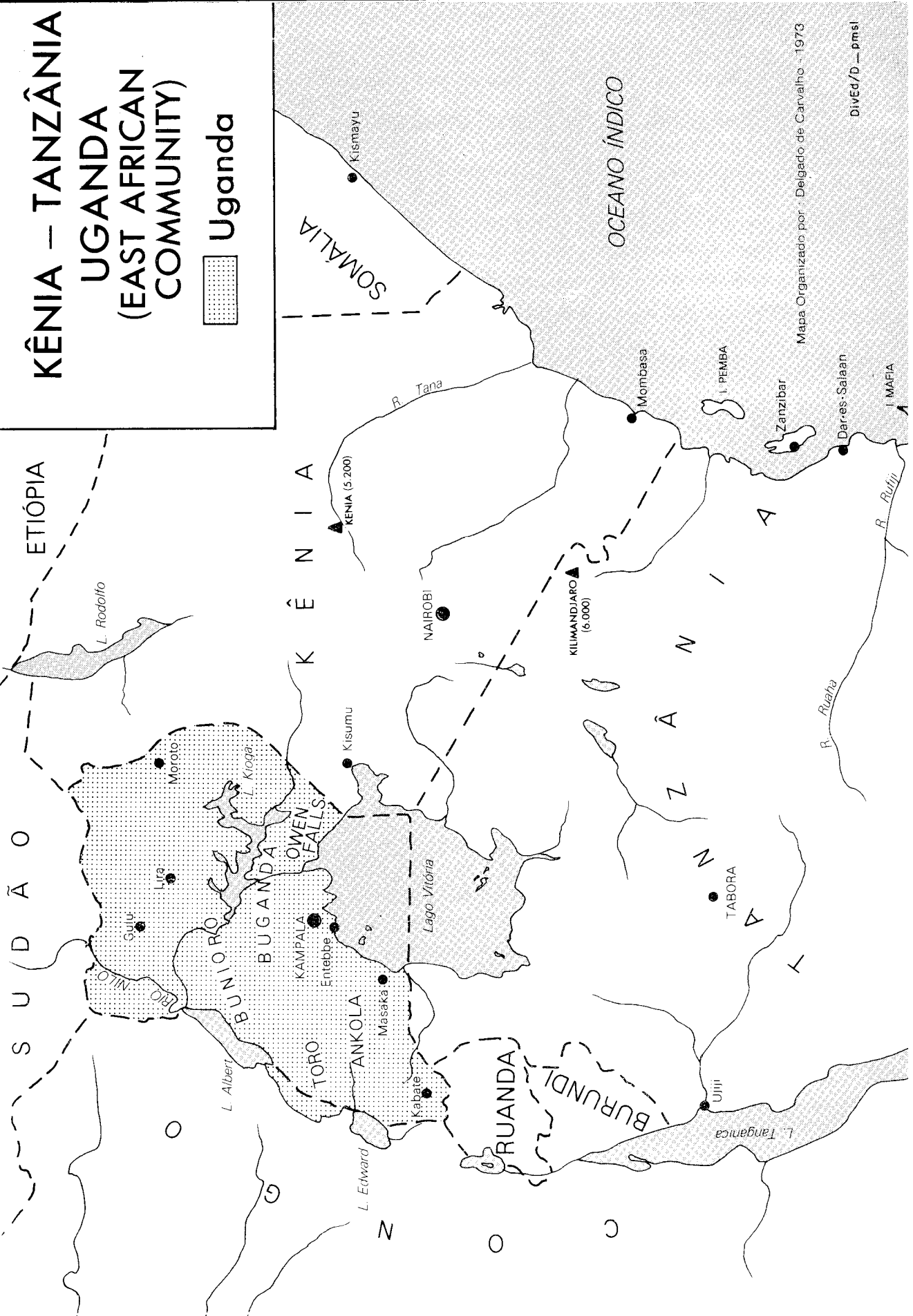
O norte, ocupado principalmente por nilo-camitas, incluiu os massais, pastores, guerreiros temíveis, habitantes das estepes, onde criavam gado vacum que uma peste dizimou em 1891. Daí resultou uma fome que fez grande número de vítimas; os sobreviventes foram então recolhidos em reservas territoriais pelos colonizadores ingleses e alemães daquela época.

O nordeste tem sido procurado por nômades *somalis e gallos* que se internam com seus camelos e hábitos pastoris. Nas regiões costeiras, é interessante lembrar o papel histórico que teve esta parte da África, no fim da Idade Média e início da Moderna, no abastecimento do Mediterrâneo e do Mundo Ocidental, como fonte quase única dos recursos da Ásia em especiarias, pimenta, perfumes, madeiras preciosas como o sândalo e outras riquezas. Nestas regiões de ativo intercâmbio com os árabes, os indus e os bantus, formou-se um idioma — o *suali*, que se tornou língua vulgar do comércio no oriente africano. Outras línguas como o bantu e o sudanês não deixaram de se multiplicar.

# KÊNIA - TANZÂNIA UGANDA (EAST AFRICAN COMMUNITY)



Uganda



Mapa Organizado por: Delgado de Carvalho - 1973

DivEd/D - pmsl

Quanto às *religiões*, reina o *papismo* sob nome de seitas, mas o *islamismo* predomina nas regiões costeiras, embora os católicos já sejam numerosos com cerca de 2.500.000 pessoas.

Os europeus se ocuparam da África Oriental a partir de meados do século XIX, principalmente. Alemães, ingleses e portugueses muito contribuíram com seus respectivos colonos no desenvolvimento das sociedades indígenas. Fundaram centros de povoamento, construíram estradas, colonizaram e determinaram o aparecimento de várias cidades. O respeito imperialismo europeu, também nesta parte da África deu o ar de sua graça; mas um de seus primeiros benefícios foi o de acabar com o comércio de escravos que os árabes lá exerciam sob a autoridade absoluta do Sultão de Zanzibar.

Ao sul do monte Kênia acha-se a capital do país do mesmo nome; é a cidade de *Nairobi*, já contando, em 1972, com mais de meio milhão de pessoas. Seu tipo moderno é europeu; de ruas retas e asfaltadas, com belos edifícios públicos, serviços de transportes urbanos, hotéis e importante aeroporto. *Mombasa*, com 250.000 habitantes, é um dos maiores portos do Índico africano; sua ilha é ligada à terra por 800 metros de ferrovia. *Kampala* (80.000 habitantes), hoje Grão Kampala (170.000 habitantes) é a atual capital de *Uganda*, possui uma universidade; é vizinha da antiga capital *Entebbe*, metrópole à beira do lago Vitória; é de grande interesse turístico *Dar-es-Salaam* (280.000 habitantes), porto na vizinhança do estreito de Zanzibar, terminal da linha férrea de Tanganika, via *Tabora* que se transforma também em cidade importante.

No tempo do Congo Belga, interesses ligavam essa colônia ao lago de Tanganika em *Ujiji*, terminal de ferrovia. Foi nesta cidade que, em outubro de 1871, encontraram-se os dois exploradores Livingstone e Stanley.

Quanto a *Zanzibar*, o seu sultanato autóctone foi substituído em 1963 por um Estado Independente que, no ano seguinte, foi submetido a uma Constituição provisória de uma República.

### 3 — Condições Econômicas

A África Oriental ainda é e ainda será, por algum tempo, a terra de *agricultores e criadores*. A *pesca* é muito praticada; Uganda tem reputação de possuir uma das maiores bacias de pesca em água doce; a tilápia

é uma das espécies nela criada. A *indústria florestal*, principalmente de madeiras de lei, é destinada em parte à Inglaterra. Em 1956 abriram-se as minas de *cobre* de Kitembe, sendo o *estanho* também explorado.

Uganda, Tanganika e Kênia formam uma unidade econômica, e fora das taxas de transporte, o intercâmbio é livre entre as três unidades. As alfândegas e impostos são cobrados pelo *East African Community* (E.A.C.) que foi estabelecido em 1967 pelo *Tratado de Kampala*. Estes diferentes fatos, assim relatados, demonstram a rapidez da evolução econômica que se está processando e o perigo que correria sob uma orientação demasiadamente política.

As zonas agrárias no Uganda (mais ou menos com 15% das terras para a agricultura) gozam de bons solos e águas suficientes. O fato de se acharem na própria linha equatorial, recebem dois períodos anuais de chuvas e podem ter *culturas perenes*. Além das *culturas de subsistência*, como milho, feijão, arroz, batata-doce, banana, a agricultura se dedica com sucesso às *culturas de renda* (cash crops) que são o *café*, o *algodão*, o *chá*, o *tabaco*. Na maior parte das famílias ugandesas, a lavoura é complementada pela criação de gado. A cultura do algodão é mais antiga e foi mantida principalmente nas mãos de lavradores africanos. "A área do café, diz David N. Mc Master, cresceu consideravelmente de 1945 para cá, e desbancou o algodão como "cash crop" em áreas nas quais dominava anteriormente, como no sul de Buganda. Apesar de levar vários anos a se firmar, o café em progresso representa geralmente, por acre, um proveito duas vezes maior que o do algodão para camponeses e as incapazes necessidades de trabalho são menores e menos rigorosas no que diz respeito ao tempo". (Uganda — Focus — XIX, 5.)

As estatísticas que se seguem permitem comparar as três fontes de exportação (em 1.000 libras):

	Kênia	Tanzânia	Uganda
Café	16.337	12.353	38.996
Algodão	761	11.734	12.548
Chá	11.271	2.416	4.653
Peles	1.871	1.779	1.334

As importações são principalmente de manufaturados (44%) e maquinaria (33%). Desenvolve-se ainda a produção de açúcar em propriedades pertencentes a asiáticos; estando em expansão também a cultura do tabaco.

Quanto à *indústria*, a exploração de cobre em Kilembe está em lento mas efetivo progresso; fala-se em minas de volfranita e principalmente no calcário cristalino que alimenta a fábrica de cimento de Tororo Rock. Uganda é pobre em combustíveis, não tem nem carvão nem petróleo, nem possui reservas hidroelétricas consideráveis. É geralmente citada a queda de *Owen Falls*, das águas que saem do lago Vitória, alimentando as indústrias de tecidos de *Jinja* e de *Kampala*, que permanece como o maior centro industrial do país. A capacidade de força elétrica em *Buganga* está aí muito acima dos atuais requisitos de consumo.

David N. Mc Master, citado Professor da Universidade de Edimburgo, resume com certo otimismo a *situação econômica de Uganda*. Em primeiro lugar, a tradição lhe parece ser mais respeitada na ordem política do que em seu vizinho Kênia; tal fato atrai maiores investimentos para o primeiro país. Em segundo lugar, ele constata condições excepcionais de solos e de água para um desenvolvimento da agricultura, que é ainda o que apresenta mais futuro. Em terceiro lugar, as estradas de Uganda são as mais notáveis da África e vão expandindo seu asfalto para a região noroeste. Por fim, a *Organização dos Serviços Comuns da África Oriental* cuida da extensão da esfera econômica do mercado comum ao Kênia e à Tanzânia, consolidando os laços políticos que existem entre eles.

#### 4 — Evolução Histórica

As condições geográficas deram a Uganda a possibilidade de constituir a *região histórica mais significativa africana*, no fim do século passado. Foi, de fato, a sua posição nas fontes principais do rio Nilo que tornou as suas terras de vital importância para o Egito, então o principal fator da política internacional na África. A 1.000 km, no interior do continente, esta região era atraente, mas os colonizadores europeus estavam politicamente mais interessados na África Atlântica, na qual conseguiam mais recursos. Daí a iniciativa que deixavam às companhias colonizadoras, pois a elas cabia qualquer responsabilidade de insucesso.

Uganda, antiga monarquia da África Oriental, era governada por um rei que tinha sob sua autoridade dez chefes de províncias. Estendeu-se o seu território no século XIX, principalmente no reinado do rei ou "Kabaka" *Mutesa I*, autocrata empreendedor e vaidoso, que governava assistido por três Ministros e uma Assembléia — o Lukiko (1860-1884).

Seus filhos, em conflitos de rivalidade, perseguiram as missões anglicanas, católicas e muçulmanas. Quando a *Inglaterra interveio*, o mais perigoso deles, *Muanga*, foi preso e exilado. Foi reconhecido, então, o seu filho menor, *Mutesa II*, sob a regência do Kabaka de Buganda, *Apolo Kagwa*.

A civilização ocidental não teve grandes dificuldades em penetrar nestas regiões; o protestantismo, principalmente, fez numerosos adeptos e os missionários continuaram a ter influência na evolução social. A prosperidade logo determinou novos problemas sem causar conflitos sérios entre os interesses locais e os europeus. Depois de regente, Apolo veio a ser Primeiro Ministro e prestou grandes serviços à Grã-Bretanha durante a Primeira Guerra Mundial. Não somente levantou 10.000 combatentes, como ainda mais 100.000 auxiliares para serviços e transportes, contribuindo assim, com eficiência, para a derrota alemã na África Oriental, cujo território de Tanganika, hoje Tanzânia, então lhe pertencia.

O interesse atual da evolução histórica de Uganda se concentra principalmente em sua emancipação política que parece um tanto em atraso em relação às mudanças efetuadas na África Ocidental.

Uganda tornou-se *membro independente da Comunidade Britânica* depois de cerca de 70 anos de domínio inglês, a 9 de outubro de 1962, recebendo então uma nova Constituição. Em 1963, o cargo de Governador-Geral foi substituído pelo de Presidente, eleito por 5 anos pela Assembléia Nacional. A 8 de setembro de 1967, *Uganda proclamava-se República*, da qual o ex-Primeiro Ministro, *Milton Obote*, tornava-se chefe de governo. Mutesa II havia se retirado para a Tanzânia que lhe oferecia abrigo, enquanto o Parlamento aprovava a nova Constituição, dando forma unitária ao país, além de suprimir as quatro realezas que lá ainda subsistiam (Buganda, Ankolé, Toro e Bunyoro).

Obote é um político ugandês que fez carreira no Kênia, onde fundou um Partido de União Nacional. De volta à sua terra lá organizou um *Congresso*